

## Divórcio em Nápoles

William Faulkner

Tradução de Sueli Cavendish<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

Estávamos sentados a uma mesa lá dentro: Monckton e o contra-mestre e Carl e George e eu e as mulheres, as três mulheres daquele tipo brilhante e abjeto que os marítimos conhecem ou que conhecem os marítimos. Falávamos em inglês e elas não falavam de modo algum. O que era como se pudessem falar constantemente por cima e por baixo do som de nossas vozes numa língua mais antiga do que a fala e o tempo gravados também. De qualquer maneira mais antiga que os 34 dias passados no mar que havíamos completado. De vez em quando falavam umas com as outras em italiano. As mulheres em italiano, os homens em inglês: um decoro como o de dois riachos paralelos separados por um dique por um tempo.

Falávamos de Carl, para George.

“Por que então você o trouxe até aqui”, disse o imediato

Sim, Monckton disse. Com certeza eu não traria minha mulher pra um lugar desses.

George amaldiçoou Monckton: não com uma palavra ou mesmo com uma sentença; um parágrafo. Ele era um grego grande e negro, mais alto do que Carl uma cabeça inteira; suas sobrancelhas pareciam dois corvos em vôo entrelaçado. Amaldiçoou a todos nós com precisão fulminante, num anglo-saxão clássico e quase perfeito, que em outros tempos funcionara no vocabulário de um bastardo de oito anos de idade filho de um comediante de vaudeville e de um cavalo, digamos.

“Sim, senhor”, o imediato disse. Ele fumava um charuto italiano e bebia cerveja de gengibre; do mesmo copo ao qual, incidentalmente, estivera grudado há cerca de duas horas e que agora devia estar com a mesma temperatura de um chuveiro de navio. “ Eu jamais traria minha garota para um lugar como esse mesmo que ele usasse calças.”

---

<sup>1</sup> Ensaísta, tradutora, professora de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Editora da Eutomia, Revista de Literatura e Linguística.. E-mail: suelicavendish@hotmail.com

Carl nesse entretanto não se havia mexido. Sentava-se sereno entre nós, com sua cabeça amarela e arredondada e seus olhos redondos, parecendo um bebê sofisticado contra o ruído e o brilho, com seu copo de cerveja fina italiana e as mulheres murmurando entre elas e nos observando e então para Carl com aquela expectativa presciente e inexcrutável que elas não parecem saber que possuem. “*Èinnocente*”, uma delas disse; de novo murmuravam, contemplando Carl com olhares secretos e divertidos. “Ele já pode lhes haver enganado”, disse o contramestre. “Ele pode lhes haver escapado pela vigia em qualquer momento nesses três anos.”

George olhou para o imediato, a boca aberta para espraguejar. Mas não espraguejou. Ao invés disso olhou para Carl, com a boca ainda aberta. Sua boca fechou-se devagar. Todos olhamos para Carl. Sob nosso olhar ele levantou os óculos e bebeu com contida deliberação.

“Você ainda é puro?” George disse. “Quero dizer, o bastante”.

À luz dos nossos catorze olhos Carl esvaziou o copo de cerveja fina, amarga e de baixíssimo teor de álcool. “Estou no mar há três anos”, ele disse. “Em toda a Europa”.

George olhou para ele, com o rosto perplexo e indignado. Tinha acabado de se barbear; suas mandíbulas azuladas se expunham achatadas e duras como as de um lutador ou as de um pirata, subindo até a explosão negra do seu cabelo. Ele era nosso segundo cozinheiro. “Seu bastardozinho mentiroso de uma figa”, disse.

O contramestre elevou seu copo de cerveja de gengibre imitando exatamente a maneira de beber de Carl. Firme e deliberadamente, o corpo pendendo um pouco para trás e a cabeça inclinada, ele verteu a cerveja de gengibre sobre o ombro direito na mesma velocidade com que engolia, porém com aquele ar de Carl, aquela arrogância grave e cosmopolita. Ele descansou o copo e levantou-se. “Vamos lá”, ele disse a Monckton e a mim, “vamos indo. Bem que podia ser um navio de bordo se vamos passar a noite no mesmo lugar.”

Monckton e eu nos levantamos. Ele fumava um cachimbo pequeno. Uma das mulheres era a dele, a outra a do contramestre. Uma terceira tinha uma porção de dentes de ouro. Podia ter trinta anos, mas talvez não tivesse. Nós a deixamos com George e Carl. Quando olhei para trás, o garçom tinha acabado de lhes trazer mais cerveja.

## II

Eles embarcaram juntos no navio em Galveston, George carregando uma vitrola portátil e um pequeno volume embrulhado em papel, portando a marca de uma loja de

dez-centavos bem conhecida, e Carl carregando duas bolsas estufadas feitas de couro falso que pareciam pesar quarenta libras cada. George tomou conta de duas acomodações, uma sobre a outra como a seção de um Pullman, espraguejando Carl numa voz áspera e concatenante<sup>2</sup> um tanto sobrecarregada com *v's* e *r's* e dando-lhe ordens como a um negro, enquanto Carl punha de lado os seus pertences com a meticulosidade de uma velha, produzindo de uma das bolsas uma pilha de uniformes de serviço recém lavados que deviam chegar a uma dúzia. Nos trinta e quatro dias seguintes (ele era o camareiro) ele usou um uniforme limpo a cada refeição no salão, e havia sempre dois ou três recém lavados secando sob o toldo. E por 34 noites, depois de a galé ter sido fechada, nós olhávamos para os dois, vestidos em calças e camisetas, dançando ao som da vitrola no convés sobre um porão cheio de algodão do Texas e resina da Georgia. Eles tinham um só disco para a máquina e o disco tinha uma rachadura, e a cada vez que a agulha passava na rachadura George batia com o pé no convés. Não creio que nenhum dos dois tivesse consciência de que ele o fazia.

Foi George quem nos falou sobre Carl. Carl tinha dezoito anos, era da Filadélfia. Os dois a chamavam de Filie; George com um tom de dono, como se tivesse criado a Filadélfia para produzir Carl, embora mais tarde se descobrisse que George não havia descoberto Carl antes de Carl já estar no mar há um ano. E Carl mesmo falou um pouco sobre isso: a quarta ou quinta criança de uma primeira geração de carpinteiros navais escandinavo- americanos, que cresceram em uma de uma série de casinhas idênticas de madeira que ficavam à distância de uma corrida de trolley até a água salgada, por uma mãe ou uma irmã mais velha: este a quem, na idade de quinze anos e pesando talvez um pouco menos de 100 libras, algum ancestral há muito batendo seus ossos calmos uns nos outros no fundo do mar (ou talvez protegido por acaso em terra seca e se tornado inquieto com a facilidade e a calma) havia enviado de volta ao velho sonho e à velha inquietude três ou talvez quatro gerações mais tarde.

“Eu era um garoto nessa época”, Carl nos disse, que não tinha ainda experimentado ou precisado de barbear-se. “Eu pensava em tudo menos em ir para o mar. Achei uma vez que seria um jogador ou talvez um lutador. Havia fotos deles nas paredes, sabe, quando minha irmã me mandava ir à esquina procurar o velho numa noite de sábado. Puxa, eu ficava de pé na rua e os via entrar, e conseguia ver suas pernas

---

<sup>2</sup> “Segundo Noel Polk, Faulkner gostava de formar adjetivos verbais usando o equivalente francês de *ing* (*ant*) como um sufixo. Assim, concatenado, que significa ligado a uma série ou cadeia, se torna *concatenante* para descrever o movimento no som das ordens rudes e atropeladas para Carl.” Theresa M. Towner e James B. Carothers in: Reading Faulkner Collected Stories. p.451.

debaixo da porta e escutá-los e sentir o cheiro de serragem e ver as fotos deles nas paredes através da fumaça. Eu era um garoto na época, entendeu. Nunca havia estado nenhures até então”.

Perguntamos a George de que jeito ele tinha conseguido uma vaga, mesmo que fosse como camareiro, ainda que de pé não passasse de um metro e sessenta e dois centímetros e por cima de tudo com uma face que devia ter seguido ostensórios ao longo dos corredores das igrejas, se não espiado para baixo de um dos próprios vitrais coloridos.<sup>3</sup>

“Por que ele não devia ter vindo para o mar? disse George. Este não é um país livre? Mesmo que ele seja apenas um trapalhão.” Ele nos encarou, escuro, sério. “Ele é virgem, entende? Sabe o que isso significa?” Ele nos disse o que significava. Alguém sem dúvida lhe havia dito o que significava há pouco tempo, dissera o que ele mesmo tinha sido, se ele pudesse lembrar-se de algo tão remoto, e ele achou que talvez não conhecessemos o homem, ou talvez achasse que era uma palavra nova que eles tinham acabado de inventar. Ele então nos disse o que significava. Foi na primeira noite de vigília noturna e estávamos no tombadilho depois da ceia, há dois dias afastados de Gibraltar, ouvindo Monckton falar de couve-flor. Carl estava tomando uma ducha (ele sempre tomava banho depois de esvaziar o salão depois da ceia. George, que apenas cozinhava, nunca se banhava até que estivessemos no porto e a licença de quarentena liberada) e George nos disse o que significava.

Ele então começou a blasfemar. Blasfemou por um longo tempo.

“Bem, George”, disse o contramestre, “suponha que você fosse um, então? O que você faria?”

“O que eu faria?” George disse. “O que eu não faria?” Ele espraguejou por algum tempo, sem interrupção. “É como o primeiro cigarro da manhã,” ele disse. Por volta de meio dia, quando você lembra do sabor que tinha, e de como você se sentia enquanto esperava que o fósforo chegasse à extremidade, e quando aquele primeiro trago—” Ele espraguejou, moroso, impessoal, como num canto.

---

<sup>3</sup> “Carl tem um rosto suave, o rosto inocente de um coroinha ou de um santo. In “Reading Faulkner Collected Stories”. Towner, Theresa M. and Carothers, James B. Jackson, University Press of Mississippi, 2006. p 453.

Monckton o observava: não escutava: observava, acalentando seu cachimbo. “Puxa, George”, ele disse, “você está a caminho de se tornar um poeta.”

Havia um patife, um sujeito da escumalha das Docas das Índias Ocidentais; esqueço o nome dele. “Chama aquilo de blasfêmia?” ele disse. Você devia escutar um companheiro de Lymus deitado no castelo de proa dos malditos metecos portugueses.”

“Monckton não se referia à linguagem,” disse o imediato. “Qualquer homem pode praguejar.” Ele olhou para George. “Você não é o primeiro homem a desejar isso, George. Isso é uma coisa que tem de ser era porque você não sabe que é quando você é.” Ele então parafraseou sem querer e com aptidão impublicável o epigrama de Byron sobre a boca das mulheres. “Mas para que você o está guardando? Que bem lhe fará quando ele deixar de ser?”

George espraguejou, mirando cada rosto, perplexo e indignado.

“Talvez Carl deixe George segurar sua mão na hora,” Monckton disse. Ele procurou um fósforo no bolso. “Agora você pega a couve- de -Bruxelas –” disse Monckton.

“Você pode conseguir que o Velho o ponha em quarentena quando chegarmos a Nápoles”, disse o imediato.

George espraguejou.

“Agora, você pega a couve de Bruxelas”, disse Monckton.

### III

Levamos algum tempo naquela noite, seja para começarmos, seja para nos acomodarmos. Nós – Monckton e o imediato, as duas mulheres e eu - visitamos outros quatro cafés, idênticos uns aos outros e idênticos àquele onde havíamos deixado George e Carl – as mesmas pessoas, as mesmas músicas, os mesmos drinks finos e coloridos. As duas mulheres nos acompanhavam, ao nosso lado mas não conosco, expectantes e aquiescentes, afirmando constantemente e pacientemente e sem palavras que era hora de ir deitar. Assim depois de um tempo eu as deixei e voltei ao navio. George e Carl não estavam a bordo.

Na manhã seguinte elas também não estavam lá, embora Monckton e o imediato estivessem, e o cozinheiro e o camareiro espraguejassem pra cima e pra baixo na galé; parecia que o próprio cozinheiro planejava passar o dia em terra firme. Por isso eles tiveram que ficar a bordo o dia inteiro. Lá pelo meio da tarde embarcou um homem de

pequena estatura vestido num terno manchado que parecia um daqueles estudantes diurnos de Columbia que viajam todas as manhãs no metrô do East Side na altura da Praça Chatham. Ele estava sem chapéu com seu pompadour oleoso. Não se barbeara recentemente, e não falava nenhum inglês, em seu modo agradável e depreciatório que era todo dentes. Mas ele havia encontrado o navio certo e trazia um bilhete de George, escrito na margem de um pedaço sujo de jornal, e descobrimos onde George estava. Ele estava na prisão.

De qualquer modo o comissário de bordo não havia parado de espraguejar o dia inteiro. E sequer parara agora. Ele e o mensageiro foram à procura do consul. O comissário voltou um pouco depois das seis horas, com George. George não aparentava tanto ter estado bêbado; ele parecia aturdido, quieto, com seu cabelo selvagem e uma mancha azul na mandíbula. Ele foi direto para o beliche de Carl e começou a retirar uma a uma as meticulosas cobertas de Carl como um viajante examinando a cama num hotel europeu de terceira-classe, como se esperasse encontrar Carl escondido entre elas. “Você quer dizer”, ele disse, “que ele não voltou” ? Ele não voltou em momento algum?”

“Nós não o vimos”, dissemos a George. “O comissário também não o viu. Pensávamos que ele estivesse na cadeia com você.”

Ele começou a recolocar as cobertas; quer dizer, fez uma tentativa de puxá-las uma a uma sobre a cama de novo de uma maneira distraída, como se não estivesse consciente, senciente.

“Eles fugiram”, disse em tom monótono. “Me abandonaram. Nunca pensei que ele o fizesse. Nunca pensei que ele agisse comigo dessa maneira. Foi ela. Foi ela quem o levou a fazer isso. Ela sabia o que ele era, e como eu. . .” Ele então começou a chorar, calmamente, daquele modo absorto, indiferente. “Ele deve ter ficado sentado lá com suas mãos no colo dela o tempo todo. E eu nunca suspeitei. Ela ficava arrastando sua cadeira para cada vez mais perto da dele. Mas eu confiva nele. Nunca suspeitei de nada. Pensei que ele não faria qualquer coisa séria sem me perguntar primeiro, quanto mais. . . confiei nele.”

Parecia que o fundo do copo de George tinha distorcido as formas deles o bastante para criar em George a ilusão de que Carl e a mulher estavam bebendo como ele, de uma maneira constante mas celibatária. Ele os deixou à mesa e voltou ao lavatório; ou melhor, ele disse que percebeu subitamente que estava no lavatório e que era melhor voltar, preocupado não com o que pudesse transpirar enquanto ele estava

fora, mas com o lapso, com o fracasso em estar presente aos seus próprios atos que a ida ao lavatório implicava. Por isso ele voltou à mesa, ainda sem alarme; meramente preocupado e alegre. Ele afirmava que se divertia bastante.

Assim no princípio ele acreditou que ainda se divertia tanto que não conseguia encontrar a própria mesa. Encontrou aquela que acreditava que devia ser a dele, mas estava vazia exceto por três pilhas de pires e ele então deu uma volta inteira no salão, ainda se divertindo; e ainda se divertia quando retornou ao centro do salão de dança onde, uma cabeça acima dos outros casais, ele começou a gritar “Porteus, Olá”<sup>4</sup>, em voz alta, e continuou a fazê-lo até que um garçon que falava inglês viesse e o removesse e o levasse de volta àquela mesma mesa desocupada que sustentava as três pilhas de pires e os três copos, um dos quais ele agora reconhecia como sendo o seu.

Mas ele ainda se divertia, embora agora nem tanto, acreditando-se vítima de uma peça, primeiro por parte da administração, e parecia que ele devia ter criado alguma confusão, divertindo-se cada vez menos o tempo todo, o centro de um crescente aglomerado de garçons e clientes.

Quando afinal ele compreendeu, aceitou o fato de que eles haviam partido, deve ter sido bem difícil para ele: o ultraje, o desespero, a sensação do tempo perdido, uma cidade estranha à noite na qual Carl precisava ser encontrado, e isso rapidamente, se fosse para valer alguma coisa. Ele tentou sair, romper a multidão, sem pagar a conta. Não que ele não quisesse pagar; ele simplesmente não tinha tempo. Se pudesse encontrar Carl nos próximos dez minutos, voltaria e pagaria a conta duas vezes: Tenho certeza disso.

E eles então o seguraram, o americano selvagem, um cordão de garçons e clientes – homens e mulheres- enquanto ele arrastava um punhado de moedas dos bolsos que rilhavam no chão de ladrilhos. Ele disse então que era como ter as pernas enxameadas por uma matilha de cães: garçons, clientes, homens e mulheres, de quatro sobre o chão, esgaravatando as moedas que rolavam, e George estapeando em torno com seus enormes pés, tentando manter afastadas as mãos.

A seguir ele se postava de pé no centro de um círculo amplo e abrupto, respirando com dificuldade, com os dois napoleões com suas espadas e luvas e bonés

---

<sup>4</sup> No original, “*Porteus Ahoy*”. “Provavelmente uma piada particular do narrador que revela mais uma vez seu desprezo por George. Stanley Porteus, inventor de um teste de inteligência, afirmava que a inteligência era limitada pela “raça”. Cf Towner and Carothers, 455.

dos cavalheiros de Pitias<sup>5</sup> de cada lado dele. Ele não sabia o que havia feito; sabia apenas que estava preso. Foi somente quando alcançaram a prefeitura, onde havia um intérprete, que ele soube que era um preso político, tendo insultado sua majestade real ao colocar o pé sobre a efígie do rei numa moeda. Eles o colocaram numa masmorra de quarenta pés, com outros sete prisioneiros políticos, um dos quais era o mensageiro.

“Eles tiraram meu cinto e minha gravata e os cordões dos meus sapatos”, nos contou, indolente. “Não havia nada no quarto exceto um barril preso no centro do assoalho e um banco de madeira percorrendo as paredes. Eu logo soube para que era o barril, por que eles já o usavam para isso há algum tempo. Devíamos nos deitar no banco quando não pudéssemos mais nos aguentar sobre os pés. Quando me inclinei para olhar de perto, foi como se olhasse para baixo na rua 42 de um avião. Eles pareciam com os táxis amarelos. Fui então em frente e usei o barril. Mas eu o usei com a extremidade do meu corpo para a qual ele não não tinha sido feito para ser usado.”

Ele então falou sobre o mensageiro. De verdade, o Desespero, como a Pobreza, toma conta dos seus. Lá estavam eles: o italiano que não falava inglês, e George que quase não falava língua nenhuma; muito menos italiano. Isso era cerca de quatro horas da manhã. E no entanto ao raiar do dia George havia encontrado um homem entre os sete que poderia tê-lo servido ou que provavelmente o serviria.

“Ele me disse que ia sair ao meio-dia, e eu disse a ele que lhe daria dez liras assim que eu saísse, e ele me arrumou um pedaço de papel e o lápis ( isso, numa cela nua, de entre sete homens despidos até os ossos de tudo exceto dos mais simples resíduos da roupa necessária para esquentá-los: dinheiro, facas, cordões de sapatos, mesmo alfinetes e botões frouxos) e eu escrevi o bilhete e ele o escondeu e eles o deixaram sair e depois de quatro horas vieram e me pegaram e lá estava o comissário de bordo.”

“Como você falou com ele, George?” disse o contra-mestre. “Mesmo o comissário não conseguiu descobrir nada até que chegassem ao consul.”

“Não sei como,” George disse. “Apenas falamos”. Foi a única maneira em que pude dizer a alguém onde eu estava.”

Tentamos fazê-lo deitar-se, mas ele recusou. Sequer barbeou-se. Pegou algo para comer e desembarcou. Nós o observamos descer por um lado.

“Pobre desgraçado”, disse Monckton.

---

<sup>5</sup> “No original Knights of Phytias, fraternidade secreta fundada em Wahington D.C, em 1864.



“Por que?” disse o contra-mestre. “Pra que ele levou Carl para lá?” Podiam ter ido ao cinema.”

“Eu não estava pensando em George,” disse Monckton.

“Oh,” disse o contra-mestre. “Bem, um homem não pode ficar desembarcando em qualquer lugar, muito menos na Europa, a vida toda sem ser atacado de vez em quando.”

“Deus do céu,” disse Monckton. “É de se esperar que não.”

George voltou às seis horas da manhã seguinte. Ele ainda parecia atordoado, embora ainda bastante sóbrio, bastante calmo. Durante a noite sua barba crescera mais um quarto de polegada. “Não consegui encontrá-los,” ele disse calmamente. “Não consegui encontrá-los em lugar algum.”

Ele tinha que se comportar como um taifeiro agora, tomando o lugar de Carl na mesa dos oficiais, mas logo que o café da manhã terminou ele sumiu; ouvimos o comissário amaldiçoá-lo por toda parte até o meio-dia, tentando encontrá-lo. Pouco antes do meio-dia ele voltou, ficou até o jantar, partiu de novo. Ele voltou pouco antes da noite.

“Já o encontrou?” , perguntei. Ele não respondeu. Olhou pra mim por um instante com aquele olhar vazio. Foi então foi em direção os beliches e içou uma das malas de couro de imitação, enfiando todas as coisas de Carl dentro dela e esmagou a tampa sobre as mangas dependuradas e as meias e arrastou a mala para fora até o convés, onde ela tombou uma vez e abriu-se, vomitando as jaquetas brancas e as meias mudas e as cuecas. Então ele foi se deitar, completamente vestido, e dormiu catorze horas. O cozinheiro tentou acordá-lo para o café da manhã mas era como tentar levantar um morto.

Quando acordou parecia melhor. Pegou um dos meus cigarros e foi barbear-se e voltou e pegou outro cigarro. “Ele que se dane”, disse. “Deixa o filho da puta ir embora. Não dou a mínima”.

Naquela tarde ele pôs de volta as coisas de Carl no beliche dele. Nem de modo cuidadoso nem descuidado: só juntou-as e empilhou-as no beliche e parou por um momento pra ver se alguma delas iam despencar, antes de sair .

#### IV

Era pouco antes da luz do dia. Quando voltei ao navio perto de meia-noite, os aposentos estavam vazios. Quando acordei antes do amanhecer todos os beliches exceto

o meu ainda estavam vagos. Eu estava deitado, semi-adormecido, quando ouvi Carl na passagem. Ele vinha devagar. Eu mal o ouvira antes de ele aparecer à porta. Ele ficou lá parado por um momento, parecendo um adolescente à meia-luz, antes de entrar. Fechei os olhos rapidamente. Ouvi-o, ainda na ponta dos pés, vir ao meu beliche e ficar parado ao meu lado por um instante. Em seguida o ouvi ir embora. Abri os olhos só o suficiente para vê-lo.

Ele se despiu rapidamente, arrancando as roupas de si, arrancando um botão que bateu na divisória com um ruído fraco. Nu, na luz da rede de computadores, parecia menor e mais frágil que nunca enquanto pescava uma toalha do seu beliche onde George havia jogado suas coisas, atirando as outras roupas de lado com uma espécie de pressa terrível. Ele então saiu, os pés descalços assoviando na passagem.

Eu podia ouvir o chuveiro para além da divisória escorrendo por um longo tempo; estaria frio, agora, também. Mas a água caiu por um longo tempo e então parou e fechei meus olhos de novo até que ele entrasse. Então o vi erguer do chão a roupa de baixo que tinha tirado e arremessá-la por uma escotilha rapidamente, com um pouco do ar de um alcoolatra em recuperação colocando uma garrafa vazia para fora da vista. Ele se vestiu e colocou uma jaqueta branca e limpa e penteou o cabelo, inclinando-se para o pequeno espelho, olhando para o seu rosto por um longo tempo.

Em seguida foi trabalhar. Trabalhou no deck da ponte o dia inteiro; o que poderia ter encontrado para fazer ali não podíamos imaginar. Mas os aposentos da tripulação não o viram senão depois do entardecer. O dia inteiro víamos a jaqueta branca voando pra cima e pra baixo para além das portas abertas ou sobre os joelhos enquanto ele polia metais e madeiras em torno dos companheiros. Ele parecia trabalhar com fúria. E quando era forçado pelos afazeres a vir para cima durante o dia, observávamos que era sempre do lado do porto, enquanto ficávamos a estibordo das docas. E perto da cozinha ou do convés George trabalhava um pouco e vadiava um bocado, sem olhar para a ponte de modo algum.

“É por isso que ele fica lá em cima, polindo metais o dia inteiro,” o contra-mestre disse. “Ele sabe que George não pode ir ali em cima.”

“Não me parece que George o queira”, eu disse.

“É isso mesmo,” disse Monckton. “Por um dólar George subiria até a bússola e pediria ao Velho um cigarro.

“Mas não por curiosidade”, disse o contra-mestre.

“Você pensa que é só isso? Monckton disse. “Só curiosidade”?”

“Claro”, disse o contramestre. “Por que não?”

“Monckton tem razão”, eu disse. Esse é o momento mais difícil num casamento: um dia depois de sua mulher ter ficado fora de casa a noite toda.”

“Você quer dizer o mais fácil”, disse o contra-mestre. “George pode deixá-lo agora.”

“Voce acha mesmo?” disse Monckton?

Ficamos lá deitados por cinco dias. Carl ainda polia os metais com os companheiros do deck- ponte. O comissário o mandava embora do deck e saía; ele voltava e encontrava Carl ainda trabalhando no lado do porto e o mandava para a bússola, acima da doca e dos rapazes italianos em camisetas coloridas e manchadas e os vendedores de cartões postais pornográficos. Mas ele não ficava muito tempo lá e então o víamos abaixo novamente, sentado calmamente com sua jaqueta branca sob o brilho mortiço, esperando a hora da ceia. Usualmente ele estaria costurando meias.

George ainda não lhe havia dirigido palavra; Carl podia nem ter estado a bordo, o próprio deslocamento de espaço que era seu corpo, ar respirável e desimpedido. Era agora a vez de George de ficar longe do navio a maior parte do dia e toda a noite, voltando um pouco bêbado às três e quatro horas, para acordar a todos à mão, exceto Carl, e falar em rude e barulhenta recapitulação das mulheres recentes e sempre variadas antes de subir no seu beliche. Tanto quanto sabíamos, eles sequer olharam um para o outro até que estivéssemos bem a caminho de Gibraltar.

Então a fúria de trabalho de Carl reduziu-se um pouco. Mesmo assim ele trabalhou sem parar o dia todo, em seguida, banhou-se, o cabelo louro molhado e macio, o corpo leve numa camiseta de algodão, nós o víamos, inclinando-se sozinho no longo crepúsculo sobre os trilhos do centro ou mais a adiante. Mas nunca na popa onde fumávamos e conversávamos e onde George tinha começado novamente a tocar o único disco da vitrola, comprometido, redundante e anatemizado, *insensível, vez após vez*.

Então uma noite nós os vimos juntos. Encostavam-se lado a lado no trilho da popa. Essa fora a primeira vez em que Carl olhara para trás, olhara em direção a Nápoles desde aquela manhã em que retornara ao navio, e mesmo agora era a noite na qual os Portões de Hércules tinham afundado no crepúsculo de uma lua crescente e o Rio Oceânico começara a jorrar dentro do mar sombrio e acima deles as vaus oscilavam em vagarosa e medida recomposição contra a noite alta e a lua nova muito próxima.

“Ele está bem, agora,” disse Monckton. “O cão voltou ao seu vômito”.

“Eu disse que ele estava bem o tempo todo”, disse o contra-mestre.

“George não deu a mínima.”

“ Eu não estava falando de George,” Monckton disse. “George ainda não provou que é digno”.

## V

George nos disse. “Ele ficava limpando e suspirando”, sabe, e eu ficava tentando falar com ele, dizer-lhe que eu não estava mais com raiva. Bolas, tinha que acontecer um dia; um homem não pode ser um anjo a vida toda<sup>6</sup>. Mas ele não via as coisas dessa maneira. Até que uma noite de repente ele disse:

“O que você faz com elas?” Eu olhei pra ele. ‘Como um homem as trata?’

‘Você quer me dizer,’ eu disse, ‘que você passou três dias ao lado dela e ela não lhe mostrou?’

“ ‘Quero dizer, dar a elas,’ ele disse. ‘Os homens não dão —’

“ ‘Jesus Cristo ’, eu digo, ‘você já lhe deu uma coisa pela qual lhe pagariam em dinheiro no Sião.<sup>7</sup> Que faria de você um príncipe ou o primeiro ministro no mínimo. O que você quer dizer?’

“ ‘Não me refiro a dinheiro,’ ele disse, ‘me refiro...’

“Bem’, eu disse, ‘ se você fosse vê-la de novo, se ela viesse a ser sua garota, voce lhe daria algo. Traria pra ela alguma coisa. Como algo pra usar ou outra coisa qualquer: elas não se importam muito com o que, essas mulheres estrangeiras, bombear uma carcama de vida inteira ainda não lhes daria uma respiração completa se elas fossem um balão de brinquedo; elas não se importam muito com o que seja. Mas você não vai vê-la de novo, vai?’

“ ‘Não’, ele disse. ‘Não’, ele disse. ‘Não’. E parecia que se preparava para saltar do barco e sair nadando em frente e nos esperar no cabo Hatteras.

“ ‘Mas você não quer se preocupar com isso,’ eu disse. Então fui e toquei a vitrola de novo, achando que podia alegrá-lo, porque ele não é o primeiro, por Jesus Cristo; ele não inventou isso. Mas foi na noite seguinte; estávamos no convés da latrina

---

<sup>6</sup> Segundo Towner e Carothers (457) “o reconhecimento indesejado de George de que ele estava vivendo a virgindade de Carl de modo vicário.”

<sup>7</sup> Ilha de Hatteras, em North Carolina, conhecida por suas perigosas tempestades.

– a primeira vez que ele tinha recordado – olhando o fosrus<sup>8</sup>— ao longo da logline, quando ele diz:

“Talvez eu a tenha deixado em apuros.’

“ ‘Fazendo o que?’ eu disse. ‘Com o que? Com a polícia? Você não a fez mostrar-lhe a licença?’ Como se ela fosse precisar de uma, com todo aquele ouro na cara; puxa, ela podia viajar só por conta do seu rosto; talvez ele fosse sua caderneta de poupança ao invés da meia.

“Que licença? Ele disse. Eu então lhe disse. Por um minuto pensei que ele estivesse chorando, mas em seguida vi que ele estava apenas tentando não vomitar. Eu soube então qual era o ‘apuro’ que o preocupava. Lembro que da primeira vez me veio como uma surpresa. ‘Oh,’ eu disse, ‘o cheiro. Não quer dizer nada,’ eu disse; voce não quer deixar que isso lhe preocupe. Não é que elas cheirem mal’, eu disse, isso é só o ar nacional italiano.”

E assim concluímos que ele finalmente ficou realmente doente. Ele trabalhou o dia todo, vindo deitar-se somente depois que nós já havíamos dormido e roncávamos, e eu o vi de noite levantar-se e subir ao convés de novo, e eu o segui e o vi sentar-se sobre um molinete. Ele parecia um menininho, calmo, pequeno, imóvel em suas roupas de baixo. Mas ele era jovem, e mesmo um velho não pode estar doente por muito tempo com nada que não seja trabalho para fazer e ar salgado para respirar; assim duas semanas depois nós assistíamos a ele e a George dançarem de novo em suas camisetas depois da ceia enquanto a vitrola elevava seu ego fátuo e reiterativo contra a lua cheia e o navio roncava e silvava pelos longos mares para além de Hatteras. Eles não falavam; somente dançavam, graves e incansáveis à medida que a lua da madrugada ficava cada vez mais alta no céu. Então rumamos para o sul, e a Corrente do Golfo deslizava como tinta azul ao nosso lado, borbulhante de fogo à noite nas latitudes macias, e numa noite para lá de Tortugas o navio começou a rastrear o trem prateado da lua como um cortesão desajeitado e ansioso, e Carl falou pela primeira vez depois de quase vinte dias.

“George,” ele disse, “me faz um favor, você faz?”

“Claro, amigo,” George disse, batendo com o pé no chão do convés a cada vez que a agulha enganchava, seus ombros sob a cabeça negra acima da lustrosa e clara cabeça de Carl, os dois num abraço decoroso, seus sapatos de lona assobiando em unísono: “Claro,” George disse, “diga lá”.

---

<sup>8</sup> Provavelmente George pronuncia uma corruptela de *phosphorous*, referindo-se às algas fosforescentes que se agitam quando um navio passa pela água.

“Quando chegarmos a Galveston, quero que você me compre um conjunto desses teddybears<sup>9</sup> de seda cor-de-rosa que as mulheres usam. Um pouco maior do que o que eu usaria, viu?”

## **REFERÊNCIA**

TOWNER, Theresa M, and James B Carothers. Reading Faulkner. Collected stories: glossary and commentary. 1st ed Jackson: University Press of Mississippi, 2006.

---

<sup>9</sup> Indumentária feminina em voga ao tempo em que o conto foi escrito.